

UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES
INTERPESSOAIS E EDUCAÇÃO*

MARIA CLAUDIA ROCHA MORAES

Rio de Janeiro

Agosto/2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

*REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES
INTERPESSOAIS E EDUCAÇÃO*

MARIA CLAUDIA ROCHA MORAES

Monografia apresentada à Escola de educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro – UNIRIO para obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lúcia de Mello e Souza Lehmann

Rio de Janeiro

Agosto/2004

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, ao Senhor Jesus. Luz que ilumina a minha vida, trazendo paz, amor e esperança.

Agradeço ao meu pai (*in memoriam*), minha mãe e irmãos que me incentivaram a prosseguir nos estudos.

Agradeço a todos os professores do curso de Pedagogia da UNIRIO. Ao Profº Charles Feitosa com o qual tive a oportunidade de desenvolver um trabalho de iniciação à pesquisa científica.

Agradeço aos amigos que me incentivaram, com elogios, gestos, atenção a levar o meu projeto adiante.

Agradeço à Profª Lúcia Lehmann que, em meio a tantos compromissos, me orientou na realização desse trabalho. Muito obrigado pelos elogios, pela dedicação e atenção dedicados a mim.

*“Dedico este trabalho a todos que desejam
uma sociedade mais feliz, mais solidária.”*

"Nada de grande se faz sem paixão"

Hegel

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - RELACIONAMENTO E APRENDIZAGEM.....	3
CAPÍTULO II - RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA.....	14
CAPÍTULO III - CONVERSAS AFETIVAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR.....	24
2 – CONCLUSÃO.....	33
3 – BIBLIOGRAFIA	37

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema originou-se do desejo de analisar a importância do relacionamento para o processo de ensino e a aprendizagem dos alunos, com enfoque na relação professor-aluno.

Este estudo tem o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão sobre o valor das relações entre as pessoas no processo educativo. Explicar qual é a importância do relacionamento entre professores e alunos e entre os mesmos na educação envolve um esclarecimento sobre questões que embasam a aquisição da aprendizagem no ambiente escolar como: os métodos e modelos de ensino empregados pela escola, a afetividade, a vocação e o interesse do professor pelo magistério.

No capítulo 1, abordaremos alguns enfoques teóricos psicológicos, procurando revelar o valor do relacionamento humano para a aprendizagem e o desenvolvimento.

No capítulo 2, será analisada as relações interpessoais na escola, a influência das diferentes práticas educativas e suas repercussões no processo ensino-aprendizagem. Abordando o valor educativo da interação professor-aluno e entre alunos.

As relações humanas no ambiente escolar envolvem o relacionamento entre os sexos, representados pelos professores e professoras, alunos e alunas, etc.

O fato do ensino estar voltado para transmissão de conteúdos científicos, reserva pouco espaço para a reflexão sobre as relações sociais, sobre as representações ideológicas, as relações de poder e preconceitos com relação

ao papel destinado a homens e mulheres na sociedade e que podem ser reproduzidos ou modificados através da educação escolar. Este ensino acaba omitindo as questões que envolvem as diferenças e também as relações entre ambos com o conhecimento e acesso ao saber.

No capítulo 3, será analisado alguns aspectos da dimensão afetiva do relacionamento no processo educativo, onde discutiremos as diferentes perspectivas de professores e educadores sobre a educação e analisaremos a importância da ligação afetiva dos educadores com seus alunos e com seu trabalho. Também não podemos deixar de falar na maciça presença das mulheres no campo da educação, seu envolvimento afetivo com sua profissão e os problemas enfrentados por elas no magistério.

Na tentativa de encontrar respostas às nossas dúvidas selecionamos, entre outros, autores como: Vygotsky, Piaget, Freud, César Coll, Rubens Alves, Alicia Fernández e Jane Soares, que colaboraram para nossa reflexão nos fornecendo um maior conhecimento sobre as relações pessoais e sua importância no processo educativo.

CAPÍTULO I

RELACIONAMENTO E APRENDIZAGEM

"Relacionamento:... capacidade de relacionar-se, conviver ou comunicar-se com os outros,... ligação de amizade, afetiva, profissional, etc., condicionada por uma série de atitudes recíprocas...Relacionar: ... fazer adquirir amizades... manter relação... Relações:... convivência entre pessoas, ...as pessoas com quem se mantém relações." (HOLANDA, 2000, p.594)

Procurando compreender o relacionamento entre professores e alunos e entre os próprios e sua relação no processo de desenvolvimento e aprendizagem, surgiram as seguintes questões: os relacionamentos têm, efetivamente, alguma importância na aquisição da aprendizagem e/ou desenvolvimento? em que medida as relações interpessoais interferem e estão envolvidas nesse processo?. Seleccionamos alguns autores, considerados referências no tema, buscando suas contribuições para análise desta questão.

Para responder as questões desenvolvidas focalizamos, de uma forma breve, como os principais posicionamentos teóricos se referem ao processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A preocupação com a maneira pela qual a criança se apropria do conhecimento, quais os motivos que envolvem essa questão, durante muito tempo, foi deixada de lado pelas concepções teóricas inatistas e ambientalistas.

Estes posicionamentos trouxeram repercussões negativas sobre o ensino escolar, por não levar em conta os fatores sócio-culturais; a interação da criança com o meio e com as pessoas que convive; a questão dos estímulos que

ela tem acesso e recebe deste meio; do afeto; do desejo de aprender; da motivação recebida pelos familiares e etc.

"A visão de desenvolvimento enquanto processo de apropriação pelo homem da experiência histórico cultural é relativamente recente. Durante longos anos, o papel da interação de fatores internos e externos no desenvolvimento não era destacado. Enfatizava-se ora os primeiros, ora os segundos. Os filósofos e os cientistas criaram, assim, teorias ou abordagens denominadas inatistas – que salientam a importância dos fatores endógenos – e teorias ou abordagens chamadas ambientalistas – onde especial atenção se dá ao meio e a cultura sobre a conduta humana." (DAVIS, 1993, p. 26)

As posições inatistas e ambientalistas desvalorizam os benefícios que podiam advir das relações entre professores e alunos e entre os mesmos.

A corrente teórica inatista disseminou ideologias como a do dom e da aptidão que gerou problemas na aprendizagem, particularmente dos alunos provenientes das classes econômicas desfavorecidas, porque se achava que uma vez que não tivessem "nascido" com capacidades e conhecimentos, condições inatas, os alunos estariam fadados a ter dificuldades. Dessa forma, muito pouco ou quase nada adiantaria qualquer esforço do professor em relação ao aluno, já que este era a priori considerado incapaz.

Desvalorizado, não sobra a este aluno muito incentivo para dedicar-se, respeitar ou apegar-se com afeto a este professor. Restava-lhe portanto a opção do afastamento, fuga dos exercícios, do professor e finalmente da escola.

A corrente ambientalista contribuiu para implantação de um ensino técnico, baseado na transmissão mecânica de conhecimentos com o uso da cópia e da memorização de informações. Onde o professor atua como um conferencista. Fato que dificulta a aprendizagem dos alunos, principalmente os

que não recebem estímulos dos familiares. Nesse caso, o clima emocional da classe fica prejudicado, ocorrendo a indisciplina, a agressividade, a competitividade, o individualismo, o fracasso escolar, a frustração, etc.

Um defensor das concepções ambientalistas foi Skinner (1974). Ele atribui um importante papel ao meio ambiente para o desenvolvimento humano. Tendo a dotação genética e as contingências as quais o indivíduo foi exposto papel determinante na sua percepção.

Desenvolveu atividades no estudo da psicologia da aprendizagem, onde criou os métodos de ensino programado que leva o aluno a estudar através do acerto ou erro.

Segundo sua teoria o controle do comportamento pode ser feito através da manipulação dos estímulos (elementos presentes no meio ambiente). Sendo possível fazer com que o comportamento aumente ou diminua a frequência em que ocorre, fazer com ele desapareça, se aprimore ou refine. O indivíduo, nesta concepção é extremamente reativo a ação do meio.

Desta forma, para que ocorra mudanças e o controle no comportamento é necessário uma análise das conseqüências ou resultados que este produz no meio. As *conseqüências positivas* são denominadas *reforçamento* e aumentam a frequência de aparecimento do comportamento. Por exemplo: elogiar a criança quando ela arruma seus brinquedos. As *conseqüências negativas* são chamadas de *punição* e diminuem a frequência de aparecimento do comportamento. Por exemplo: colocar a criança de castigo toda vez que ela desobedecer. Para eliminar um comportamento considerado inadequado usa-se um procedimento chamado *extinção*. Sendo necessário retirar do ambiente as conseqüências que o mantém. Por exemplo: sempre que a criança chorar para

chamar a atenção e for ignorada, provavelmente ela não agirá mais desta maneira.

Preocupados em modificar o quadro da educação escolar, Piaget e Vigotsky, buscaram explicar os processos através dos quais a criança se apropria do conhecimento, defendendo, de forma diversificada, a visão interacionista de desenvolvimento. Nesta concepção, segundo Davis (1993), o organismo e o meio exercem ação recíproca, onde um influencia o outro e essa interação causa mudanças no indivíduo.

Qual a importância das relações interpessoais no processo de aquisição da aprendizagem para autores como Piaget, Vygotsky e Freud? De que forma o aluno aprende em suas teorias e qual valor educativo atribuem ao relacionamento entre as pessoas?

Piaget defensor da visão interacionista e autor da teoria de desenvolvimento conhecida com o nome de Epistemologia Genética, dedicou-se a investigar os processos através dos quais a criança se apropria do conhecimento. Através de pesquisas com crianças em diferentes faixas etárias, formulou hipóteses de como ocorre a aquisição e o desenvolvimento das estruturas mentais.

Segundo Piaget, a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio, atribuindo um papel importante à interação da criança com seu meio ambiente e a necessidade de estímulos para seu desenvolvimento (que envolve um processo contínuo de trocas entre o indivíduo e o meio) e aprendizagem. Opondo-se as correntes teóricas inatistas (o homem nasce com a inteligência pré-formada) e ambientalistas (na qual a evolução da inteligência é um produto apenas da ação do meio sobre o indivíduo).

Segundo Davis (1993), Piaget concebe a criança como um ser ativo, atento que constantemente cria hipóteses sobre seu ambiente e que ela elabora os conhecimentos espontaneamente, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontra.

Ao conceber a criança como um ser ativo, que constrói seu conhecimento espontaneamente, Piaget dá ênfase ao descobrir, experimentar, vivenciar como aspectos fundamentais que embasam a construção do conhecimento.

Piaget (1993), privilegia a maturação biológica, por aceitar que os valores internos preponderam sobre os externos, postula que o desenvolvimento segue uma seqüência fixa e universal de estágios. Afirmando que a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele.

Ao subordinar a aprendizagem ao desenvolvimento, Piaget privilegia a maturação biológica, com isso ele atribui um valor menor ao papel da interação social e cultural no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Isto não quer dizer que Piaget não valorize as relações ou mesmo a afetividade, mas enfatiza a necessidade das potencialidades do indivíduo no processo de desenvolvimento.

Em sua teoria Piaget faz um paralelo dizendo que o indivíduo desenvolve-se organicamente e mentalmente e que a estabilidade do desenvolvimento mental é mais difícil de ser mantida do que a estabilidade física e atribui às questões afetivas a dificuldade de estabilidade.

Piaget (1971), afirma que existem pessoas mais aptas e dotadas para determinadas matérias, explica que a aptidão do aluno com relação as matérias escolares está relacionada com a sua capacidade de adaptação ao tipo de ensino recebido.

Para ele os “maus alunos” em determinadas matérias e bem sucedidos em outras, são aptos a dominar os assuntos que parecem não compreender, contanto que as “lições” sejam ensinadas de outra forma.

Também Vygotsky (1993), defende o interacionismo de forma um pouco diferente da concepção piagetiana. Pois, privilegia o ambiente social em que a criança nasceu, reconhece que se variar esse ambiente o desenvolvimento também variará. Nesse sentido, não se pode aceitar uma visão única e universal do desenvolvimento humano.

Segundo sua teoria sobre a formação social da mente, a consciência é construída socialmente, num processo histórico-cultural, no espaço das relações humanas.

Vygotsky valoriza a sociedade em que a criança está imersa e enfatiza o poder dos relacionamentos e da cultura na formação do sujeito. Teoriza que a criança percebe o mundo mediada pelas interações que estabelece com as pessoas que a cercam, interagindo com o conhecimento e pensar da sua cultura. A forma como se processa essa mediação influenciará na formação do pensamento e, conseqüentemente, no comportamento do indivíduo.

“Vygotsky discorda de que a construção do conhecimento proceda do individual para o social. Em seu entender a criança já nasce num mundo social e, desde o nascimento, vai formando uma visão desse mundo através da interação com adultos ou crianças mais experientes. A construção do real é, então, mediada pelo interpessoal antes de ser internalizada pela criança. Desta forma, procede-se do social para o individual, ao longo do desenvolvimento...postula que o desenvolvimento e aprendizagem são processos que influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem mais desenvolvimento” (DAVIS, 1993, p.55/56).

Para Coll (1996), a teoria de Vygotsky valoriza a educação como uma fonte de desenvolvimento que os seres humanos experimentam, desde o nascimento até a morte, sendo um produto das interações estabelecidas entre o aprendiz e os educadores (pais, professores, etc.). Estas idéias, na concepção de Coll, são compreendidas na explicação vygotskiana sobre a lei da dupla formação dos processos psicológicos superiores e sobre a educação como força criadora e impulsionadora do desenvolvimento.

" Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica)." (VIGOTSKY, 2000, p.75)

Segundo Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados. O aprendizado deve ser combinado com o nível de desenvolvimento da criança. Por exemplo: o ensino da leitura e da escrita deve ocorrer numa determinada faixa etária.

"O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança ...o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas." (VIGOTSKY, 2000, pp.117/118)

Ao afirmar que a aprendizagem tem o poder de despertar o desenvolvimento, e que esse processo se realiza quando a criança interage com

outras pessoas e em seu ambiente social e cultural, Vigotsky , enfatiza o papel da interação interpessoal e cultural na capacidade de aprender e se desenvolver.

“Os processos de desenvolvimento não coincidem com o processo de aprendizado. Ou melhor, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta sequenciação resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal...no momento em que a criança assimila o significado de uma palavra, ou domina uma operação tal como a adição ou a linguagem escrita, seus processos de desenvolvimento estão basicamente completos. Na verdade, naquele momento eles apenas começaram...embora o aprendizado esteja diretamente relacionado ao curso do desenvolvimento da criança, os dois nunca são realizados em igual medida ou em paralelo. O desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável” (VYGOTSKY,2000, pp.118/119)

Segundo Coll (1996), o conceito de zona de desenvolvimento próximo, elaborado por Vigotsky, permite associar a idéia da educação com a da interação. Pois, segundo este autor, é na interação social que a criança aprende a regular seus processos cognitivos, graças as orientações das pessoas com as quais interage.

“A zona de desenvolvimento proximal...é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VIGOTSKY, 2000, p.112)

Para Vigotsky (1996), através de um processo de internalização, o que a criança só consegue fazer com a ajuda de outra pessoa (regulação interpsicológica), torna-se progressivamente, em algo que ela pode fazer sozinha (regulação intrapsicológica).

"O que, em princípio, é somente uma potencialidade, gerada pela inter-relação com outras pessoas, passa posteriormente a fazer parte do nível de desenvolvimento atual, mediante um processo de interiorização. O problema chave da explicação vygotskyana é pois, compreender como se produz o passo da regularização interpsicológica à regularização intrapsicológica, dentro da zona de desenvolvimento próximo, gerada na interação social... É precisamente neste ponto em que Vygotsky faz intervir a linguagem, como um instrumento de mediação semiótica que desempenha um papel decisivo no processo de interiorização. A linguagem é o instrumento regulador por excelência da ação e do pensamento." (COLL, 1996, p.312/313).

Então, a passagem da regulação interpsicológica para intrapsicológica dos processos cognitivos situa-se no âmbito da interação adulto-criança e professor-aluno.

A teoria de Vigotsky, possibilitou a compreensão que os fatores sociais e culturais influenciam na formação das estruturas mentais. Sendo a interação da criança com as pessoas e com o conhecimento cultural fornecido a ela ^{1.}√ determinante na sua capacidade de aprender e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento mental.

Também Freud, apesar de não ter desenvolvido uma teoria específica sobre a aquisição da aprendizagem, aborda questões importantes que dizem respeito a ^{1.}√ relação do ser humano com o conhecimento, com o saber. É o que nos ensina Cristina Kupfer:

"Embora não seja possível afirmar que a psicanálise possui uma teoria da inteligência, Freud sempre se ocupou de pensar sobre o modo como o ser humano pensa, e até mesmo como se organizam as principais estruturas responsáveis por essa atividade." (KUPFER, 1997, p. 181)

O desejar e obter ou não sua realização, o sentir prazer e desprazer nas situações vivenciadas estão na base da formação da mente do sujeito. Em que, a apreensão de significados está associada a esses sentimentos.

" A psicanálise estuda não o desenvolvimento afetivo ou emocional de uma criança, mas a constituição do sujeito do inconsciente. Se, de um lado, as funções cognitivas se desenvolvem, evoluem, crescem, o sujeito se constitui. A história da constituição do sujeito do inconsciente obedece a leis diversas daquelas que regem o desenvolvimento cognitivo." (KUPFER, p.178).

Segundo a teoria freudiana, a aprendizagem, envolve o desejo de saber, de conhecer que é despertado pela curiosidade infantil sobre suas origens e sua sexualidade.

"FREUD dedicou-se especialmente ao estudo do modo como se constrói o desejo de saber. Para ele, a pulsão de saber infantil é "atraída – e talvez despertada – pelos problemas sexuais em idade surpreendentemente precoce e com insuspeitada intensidade". As intermináveis perguntas das crianças, afirma ele no texto Uma Recordação Infantil de Leonardo da Vinci, de 1910, são de fato rodeios em torno da curiosidade sobre suas origens" (KUPFER, 1997, p.182).

Freud, então, imerge a criança no mundo das emoções, das sensações de prazer e desprazer, onde a capacidade de aprender está envolvida nele e associada ao desejo de conhecer: o próprio corpo, como e porque veio ao mundo, enfim, dúvidas sobre a existência e a sexualidade. Onde as relações vivenciadas por ela exercem influência no seu desenvolvimento emocional.

A teoria de Freud contribui para compreensão, por parte do educador, que as questões de dimensão afetiva e emocional influenciam a aprendizagem. Sua atuação, em sala de aula, pode favorecê-la. No entanto, é preciso que a

afetividade, a curiosidade, as dúvidas infantis sejam respeitadas e valorizadas por esse profissional.

Na Psicanálise, segundo Fernández (1996), a aquisição da aprendizagem envolve, entre outras questões, o desejo de conhecer que nasce e se alimenta das dúvidas infantis sobre a sua origem, existência e sexualidade.

Para esta autora a aprendizagem requer curiosidade, questionar requer uma dose de agressividade, de ser ativo. Onde trabalho de apropriação do conhecimento, como todo trabalho criativo, requer um certo grau dessa pulsão que também está presente no desejo de aprender. Então, a agressividade não é algo que deva ser evitado, nem combatido como um mal.

*qual a relação
c/ aprendizagem?*

CAPÍTULO II

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA

"Interação: ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou entre duas ou mais pessoas..."(Holanda, 2000, p.395).

"Relações:... convivência entre pessoas, ...as pessoas com quem se mantêm relações."(HOLANDA, 2000, p.594)"

A palavra interação por se referir a uma ação que pode ser exercida entre objetos ou entre pessoas difere da palavra relações que se detém, exclusivamente, ao campo das relações entre as pessoas, da convivência.

A interação educativa, se traduz nas atitudes, ações entre professores e alunos e entre alunos que favorecem o processo de ensino e aprendizagem.

O desenvolvimento das relações sociais no ambiente escolar é uma questão de grande importância para aprendizagem infantil, pois contribui para o crescimento individual e grupal.

Segundo Davis (1993), o sujeito se desenvolve e constrói suas características através das relações que estabelece com o ambiente físico e social. É no contato humano que a criança aprende a falar e passa a se comunicar com os outros e a organizar sua forma de pensar e agir. Aprendendo a planejar, direcionar e avaliar sua ação.

No convívio social que se desenvolvem as funções mentais (percepção memória, raciocínio) e a personalidade humana. As operações cognitivas (aquelas envolvidas no processo de conhecer) e as habilidades humanas (como comparar, ordenar, empilhar) são construídas e se dão ao longo da interação, da vivência com outros indivíduos.

Através da interação com outras pessoas que o indivíduo aprende a pensar, falar, sentir, resolver problemas, (etc.) , sendo que a complexidade da vida social estimula a intensidade dessas capacidades.

No ambiente social são construídos e sustentados, entre outros, valores, regras, comportamentos. Os estímulos sociais são fatores fundamentais no desenvolvimento cognitivo.

O campo das relações sociais é amplo e rico (nele habitam ideologias, crenças, opiniões, preconceitos...) e deve ser explorado pela escola que pode criar um espaço de reflexão, desenvolvimento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

O professor, assim como os pais, parentes, (etc.), também exerce um importante papel na socialização infantil. A sua atuação em sala de aula, sua forma de ensinar poderá facilitar ou dificultar a aquisição da aprendizagem dos alunos. Interferindo também na formação do clima emocional da classe, nas ligações afetivas estabelecidas entre as pessoas envolvidas no processo educativo.

Nesse sentido, é necessário que o professor se conscientize do valor da sua profissão, pois lida com o ser humano, com o ser criança delicado, curioso, espontâneo, criativo.

A escola tradicional, por estar impregnada pela ideologia do sistema capitalista, desigual, fragmentado em classes sociais, impõe modelos de ensino que contrastam com o ser criança. Limitando-se a transmissão mecânica e cansativa de conteúdos que muitas vezes não fazem o menor sentido para o aluno. Essa instituição acaba, sem querer, colaborando para reprodução de preconceitos classistas, estéticos, racistas que vigoram em sociedade.

Como a escola pode reverter esse quadro? Se tornar um espaço que aprimore as relações humanas? Que possibilite a construção de relações mais positivas, construtivas, mais ricas.

" A educação escolar deveria cumprir, entre outras, a função de promover o desenvolvimento pessoal dos meninos e meninas aos quais se dirige...facilitando aos alunos o acesso aos saberes e formas culturais do grupo social a que pertencem." (COLL, 1996, p.392).

Coll (1996) faz uma relação entre as práticas educativas e os processos de desenvolvimento dos alunos, esclarecendo que a educação tradicional exerce um papel conservador, no que se refere a transmissão de cultura, atuando como um instrumento de aculturação, fato que contribui para a manutenção de uma ordem social e colide com a função de promover o desenvolvimento dos alunos.

" Prestar atenção as características próprias das situações escolares de se ensino e aprendizagem, evitando seu desengajamento do contexto social no qual inscrevem e situando o ponto de partida da reflexão no papel que estão chamadas para desempenhar como instrumento de individualização e socialização no desenvolvimento dos seres humanos" (COLL, 1996, p.392)

A realização de aprendizagens culturais pelos alunos é uma fonte de desenvolvimento, porque favorece o processo de socialização e ^{individualização} individualização, permitindo a construção de uma identidade pessoal num contexto social e cultural determinado.

As situações educativas de ensino aprendizagem devem levar em conta o contexto social que o indivíduo está imerso. Possibilitando seu desenvolvimento, a partir da reflexão sobre o papel que devem desempenhar

como instrumentos colaboradores na formação do sujeito associada a sua socialização.

A educação reprodutora não dá importância à transmissão dos aspectos culturais detendo²² a transmissão de conteúdos. A transmissão cultural é importante para o desenvolvimento das sociedades e dos seres humanos.

Esse modelo, concebe o aluno como um receptor de conteúdos, cujo desenvolvimento é gerado pela acumulação de aprendizagens específicas, através do método do ensino programado, de soluções prontas, onde o professor atua como um de transmissor de conteúdos.

As propostas pedagógicas que reduzem o papel do estudante a um mero receptor de aprendizagens específicas menosprezam os conteúdos culturais como fonte criadora de desenvolvimento.

A teoria elaborada por Piaget valoriza situações no processo educativo que possibilitam o aluno experimentar, descobrir, criar, construir seu conhecimento, revelando a importância da espontaneidade no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Coll (1996), a proposta construtivista surge como alternativa para o ensino tradicional, pois atribui ao educando um papel ativo na aprendizagem. Destaca a importância da exploração e da descoberta, concebe o educador como orientador da aprendizagem e um papel secundário aos conteúdos.

Piaget (1971), faz uma reflexão sobre as consequências da utilização de métodos tradicionais de ensino sobre a aprendizagem dos alunos, alegando que este ensino não cria oportunidades para a experimentação e para pesquisa

científica, prejudicando a compreensão das ciências como a matemática, a física, a química e a biologia e, conseqüentemente, a formação de cientistas.

Ele afirma que com a utilização dos métodos ativos (valorizam a pesquisa espontânea da criança, onde toda verdade a ser adquirida deve ser reinventada ou pelo menos reconstruída pelo aluno), surge um receio de que se anule o papel do professor, mas que é evidente que o educador continua *sempre* indispensável, porque ele cria as situações que levam os educandos a despertarem para a observação e pesquisa e, também, deve incentivar a reflexão.

Evidenciando, desta forma, que esse profissional deixa de ser apenas um conferencista, estimulando a pesquisa, a observação da criança e não se contentando com a simples transmissão de soluções já prontas.

"Mal entendidos reduzem bastante o valor das experiências realizadas até agora nesse sentido...o receio(e, para alguns a esperança) de que se anule o papel do mestre, em tais experiências, e que, visando ao pleno êxito das mesmas, seja necessário deixar os alunos totalmente livres para o trabalhar ou brincar segundo melhor lhes aprouver. Mas é evidente que o educador continua indispensável, para criar as situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança, e para organizar, em seguida, contra exemplos que levem à reflexão e obriguem ao controle das soluções demasiado apressadas..." (PIAGET, 1971, p.15)

Piaget revelou um outro modelo de ensino e aprendizagem, dando ênfase à espontaneidade, à vivência, experiência e atividade de pesquisa e reflexão dos alunos. Constituindo-se ^{em} uma proposta de ensino diferente da tradicional, em que o ensino é programado, fundamentado na transmissão de conteúdos, em soluções prontas que não incentiva a descoberta, a criatividade e a construção do conhecimento pelo estudante.

O modelo construtivista possibilita o estabelecimento de um clima emocional positivo em sala de aula, pois ao compreender as matérias o educando sente-se mais seguro e realizado e o educador também por perceber que seu ensino é eficaz. Fato que amplia a capacidade de expressão, comunicação, repercutindo de forma favorável no convívio em sociedade.

“ A função da escola é promover o desenvolvimento pessoal dos alunos, facilitando a esses o acesso aos saberes e formas culturais do grupo social, ou seja, promovendo a realização de aprendizagens específicas” (COLL, 1996, p.390)

Para que ocorra uma mudança que favoreça o desenvolvimento das relações sociais a escola deve ter funções que ultrapassem a mera transmissão de conteúdos, deve investir no ser humano, promover o desenvolvimento pessoal e social ~~(das pessoas)~~, proporcionando um ensino que valorize seu saber e suas experiências, a integração entre alunos através de trabalhos de grupo, que envolvam a cooperação, a troca de idéias, o diálogo, etc.

Para Vygotsky (1996) a interação entre os alunos facilita o processo de aprendizado porque o confronto de diferenças pode levar a novas descobertas, estimular a autonomia, a reflexão e elaboração individual de suposições, deduções.

(Sendo que) o professor deve acompanhar cada aluno para auxiliá-lo na superação de dificuldades. Ao trabalhar o conceito de zona de desenvolvimento proximal (relacionado com o conhecimento que ainda não foi alcançado) ele necessita conhecer o desenvolvimento real (relacionado ao conhecimento consolidado) da criança para poder auxiliá-la com pistas e sugestões para que ela possa avançar e consolidar o que era apenas potencial.

Ou seja, o ambiente escolar deve estimular o avanço do estudante, através da promoção das intermediações do conhecimento; dos trabalhos de grupo com o intuito de facilitar o aprendizado.

Sendo a linguagem o principal instrumento de intermediação do conhecimento o educador deverá incentivar as atividades que envolvem a fala e a escrita, estimulando a criança a criar histórias, ^{Por exemplo:} através da roda de leitura, onde os alunos devem debater suas interpretações sobre os textos lidos.

Vygotsky (1996) também dá importante contribuição quanto à escolha do conteúdo que, segundo suas idéias, deve valorizar o universo social e histórico. ^{assem,} Buscando-se a transformação dos conceitos infantis espontâneos (conceitos adquiridos pela experiência e observação) em conceitos científicos (proporcionados pela educação formal). Relacionando, desta forma, a experiência de vida do aluno aos conteúdos escolares.

Para Coll (1996) um ensino eficiente depende das intervenções dos professores às dificuldades que o aluno encontra. Quanto maior for a sua dificuldade para resolver a tarefa, maior será o nível de ajuda do adulto.

Essas intervenções são um procedimento eficaz para impulsionar a atividade construtiva do estudante. Onde o adulto sustenta e coloca andaimes, nos esforços e resultados da criança que vão sendo retirados, de forma progressiva, na medida em que a criança adquire autonomia.

Desta forma, Coll (1996) atribui ao educador um papel ativo, cuja função é orientar e guiar a atividade construtiva do educando com o objetivo de proporcionar uma aproximação entre a construção do seu conhecimento ^o a forma dos conteúdos como saberes culturais.

Segundo Coll (1996), a prática educativa que põe o professor como agente educativo encarregado de transmitir o conhecimento para os alunos atribui à relação professor-aluno uma importância primordial na aprendizagem escolar, restando pouco interesse⁷ às relações que se estabelecem entre os estudantes e suas repercussões sobre os objetivos educativos.

Este modelo educacional que centraliza o processo ensino-aprendizagem na relação professor-aluno costuma limitar a comunicação entre os estudantes. As conversas na sala de aula, muitas vezes, são consideradas como algo indesejável, devendo ser reduzidas.

A aprendizagem não consiste na cópia e na memorização de conteúdos, mas implica um processo de construção, onde as contribuições dos educandos desempenham um papel fundamental.

Para que ocorra uma mudança que favoreça a convivência, a escola deve ter funções que ultrapassem a transmissão mecânica de conteúdos. Proporcionando situações de ensino que promovam o crescimento de cada pessoa, através de práticas de ensinar que desenvolvam a integração social.

O desenvolvimento das relações pessoais no ambiente escolar é importante para socialização, porque capacita o indivíduo a ter um bom desempenho em diversos contextos da sua vida em sociedade. ^{Como?}

Na concepção de Coll (1996), a qualidade das interações é mais importante do que a quantidade, no que se refere aos efeitos favoráveis sobre o desenvolvimento e aprendizagem. O professor deve buscar promover interações ricas e construtivas. As tarefas escolares devem valorizar essas interações para exercerem efeitos positivos com relação ao desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

O tipo de atividade escolar aplicada pelo educador influencia no rendimento e aprendizagem dos educandos. Segundo Coll (1996), há pesquisas que revelam que as tarefas escolares que envolvem a cooperação entre os estudantes em comparação com as que envolvem a competição e o desempenho individual são superiores no que se refere ao rendimento e a produtividade dos alunos, Além de favorecerem o estabelecimento de relações mais positivas entre eles, caracterizadas pelo respeito, a atenção, a solidariedade e etc.

As interações construtivas entre os educandos favorecem a aquisição de habilidades sociais, de comportamentos desejáveis e importantes para a convivência.

A aquisição de competências individuais, se origina na interação social. No convívio social, as crianças podem aprender a controlar a agressividade, a solucionar problemas e conflitos, a relativizar seu ponto de vista, ou seja habilidades que interferem na realização e construção do ser humano.

A aprendizagem dessas capacidades sociais é essencial para construção da vida infantil e, posteriormente, adulta saudáveis. O convívio entre alunos, as amizades, as trocas, as conversas entre amigos com relação aos interesses, gostos, motivação para o estudo podem influenciar em suas aspirações e no rendimento escolar.

Segundo Backmam (1971), os problemas que envolvem a educação, como indisciplina, baixo nível de rendimento de determinados estudantes, fracasso escolar, etc., imprimem a necessidade de compreensão pelo professor que o desenvolvimento mental da criança é influenciado pelo meio social e que forças sociais como o meio familiar, os diferentes padrões de classe social atuam sobre o desenvolvimento e desempenho individual.

Quando a escola exerce um papel conservador, contribuindo para manutenção de um sistema social desigual, seu ensino valoriza o desempenho individual que pode gerar comportamentos competitivos e individualistas nos alunos. Neste quadro, há pouco espaço para o desenvolvimento das relações interpessoais no âmbito escolar.

O ensino tradicional valoriza o desempenho individual, pois a avaliação da aprendizagem se faz através de provas, sendo atribuída a nota, um valor muito importante tanto para os alunos quanto para os pais e os professores. Esse fato tem ocasionado o empobrecimento das relações sociais e problemas de indisciplina. Nesta ensino, não há espaço para a reflexão a respeito do comportamento competitivo e individualista nem para busca de soluções que possam modificar esse quadro.

Então, é importante que o educador entenda que os relacionamentos entre os alunos, suas idéias, experiências de vida e contribuições devem ser valorizadas, tendo lugar nos projetos educativos. Este profissional deve observar o impacto das práticas de socialização sobre a adaptação das crianças na escola, relacionando sua forma de ensinar com o progresso dos alunos.

CAPÍTULO III

CONVERSAS AFETIVAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR

"Afetivo...que tem ou em que há afeto...Afeto: afeição, amizade, amor"...(HOLANDA, 2000, p.20)

Alves (1994), faz uma distinção entre professor e educador, comparando o professor ao eucalipto, uma árvore que cresce rápido, se prolifera, sendo ótimas para o corte, para o comércio, para o lucro. E o educador ao jequitibá, uma velha árvore, que tem uma fase, uma estória a ser contada, um mistério, uma personalidade, que segundo os antigos possuía alma.

"De educadores para professores realizamos um salto de pessoas para funções...com o advento do utilitarismo...A pessoa passou a ser definida pela sua produção: a identidade é engolida pela função" (ALVES, 1994, p. 14/15)

Para este autor, o educador tem se tornado raridade, enquanto os professores têm se proliferado. Explica que tal fato se deve ao rumo que tomou a humanidade, com os frutos da racionalização, da industrialização famigerada pelo lucro, onde a função e a produtividade são mais valorizadas do que a pessoa, a interioridade e a identidade.

"Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma "estória" a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma "entidade" sui generis, portador de um nome, também de uma "estória", sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal...Mas os professores são

habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla.” (ALVES, 1994, p.13)

Ao fazer essa distinção Alves reflete o relacionamento, e também as diferentes visões, entre educadores e professores sobre seus alunos e sobre a educação. Dizendo que os educadores valorizam a relação que os liga a seus alunos, observando que cada aluno possui um nome, uma estória de vida. Enquanto o professor, ao contrário, tem a visão de um funcionário de um mundo dominado pelo estado e pelas empresas. Ele não enxerga o amor, a vocação, no que faz, se definindo pela profissão, pela execução de uma função.

A educação deve acontecer nesse espaço que se estabelece entre o professor e cada aluno, espaço de troca, diálogo, respeito a individualidade, solidariedade, companheirismo, que se constrói delicadamente, minuciosamente, como uma peça artesanal.

“O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funciona, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Frequentemente o educador é mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não segue o ritmo do mundo da instituição. (ALVES, 1994, p.15)

No universo do educador, na sua subjetividade, habita visões, sonhos, paixões e esperanças, ele define as pessoas e seus alunos como portadores, também, de sonhos, paixões, e esperanças. Por isso o mundo do educador não segue o ritmo mecânico, insensível, indiferente, apático do mundo da instituição.

Alves (1994) procura explicar os motivos que acarretaram na deterioração da visão do professor a respeito da educação, afirmando que o professor, deixou-se influenciar pelo sistema utilitarista, pela opressão, a lógica das instituições preocupadas com o lucro. Sendo domesticado pela objetividade científica que nos ensinou a reprimir os sentimentos, os desejos e sonhos.

No entanto, na concepção da Alves (1994), o professor sonha com o educador, em cada professor há um educador adormecido, sendo necessário acordá-lo. Despertá-lo não é uma questão de técnica, de currículo e sim uma experiência de amor, de paixão. Para preparar um educador é preciso despertá-lo para que um mundo diferente possa se tornar real.

Para que novas visões de mundo se construam é necessário despertar, preparar o educador que está adormecido, através de uma experiência de amor, de paixão e não apenas de preparo técnico.

Soares (1998) ao discutir as razões da preferência e da presença maciça das mulheres no magistério, diz que a exigência da produtividade do sistema capitalista, condena seus discursos sobre afetividade.

Essa autora questiona essa exigência de produtividade e qualidade que não leva em consideração que a educação escolar é desenvolvida por seres humanos, num processo interativo, onde os sentimentos, os afetos, as escolhas, os desejos não podem ser dispensados. Para ela desqualificar o discurso da professora enquanto mulher significa atribuir-lhe papéis de passividade, ignorando-a como um sujeito histórico capaz de efetuar escolhas.

Segundo Soares (1998) a má formação do professor não é a culpada por todos os problemas educacionais, no entanto a sua atuação em sala é determinante nos rumos da educação e de sua qualidade. Para elevar a

qualidade do ensino é necessário o empenho de cada pessoa para realizar um trabalho de qualidade.

A exigência da produtividade do sistema utilitarista, ^{que} onde, nas palavras de Alves “a identidade é engolida pela função”, oprime a professora enquanto mulher, portadora de um nome, de uma história de vida, de uma identidade a princípio feminina, reprimindo seus sentimentos, sua fala, desejos, sonhos.

A escola, por estar mais voltada para produtividade do aluno, deixa de lado as questões afetivas que envolvem o processo educativo.

”Se, por um lado, educar e ensinar é uma profissão, por outro, não há melhor meio de ensino e aprendizagem do que aquele que é exercido de um ser humano para o outro, e isso também é um ato de amor. Gostar desse trabalho, acreditar na educação e nele investir como indivíduo, também configura-se como um ato de paixão, a paixão pelo possível, sentimento derivado do sentido do ser e da existência, que incorpora o desejo às possibilidades concretas de sua realização. (SOARES, 1998, p. 208)

Gostar de ensinar, acreditar na educação é um ato de amor que distingue professores, executores de uma função, de educadores, que sentem prazer na realização de seu trabalho. Educar e ensinar, além de ser uma profissão, constitui-se um gesto de amor.

Para Soares (1998) uma profissão pode ser desenvolvida com a técnica, mas se houver a realização fica melhor. A vocação, o afeto pelos alunos pode não substituir a competência, mas ter essas qualidades numa carreira é um acréscimo. A competência técnica não substitui o desejo, o prazer. Aliado ao bom desempenho o afeto e o prazer significam humanidade e, não apenas subordinação ideológica.

Para despertar o educador, que para Alves (1994) está adormecido, é necessário que ele tenha acesso a um ensino que transmita prazer, prazeroso; que amplie sua visão de mundo; que ultrapasse os limites do ensino restrito a técnica, onde a objetividade científica não impeça a expressão dos sentimentos, tornando o sonho do professor em se tornar um educador real.

Soares (1998) aborda os problemas que atingem o magistério, onde ressalta as questões de gênero:

“Sempre me incomodou a forma como são tratados alguns problemas cruciais do magistério, principalmente quando envolvem as questões de gênero. Quando não é a omissão deliberada, são as acusações de incompetência, de submissão, de insubordinação ideológica que se atribuem às professoras que atuam no ensino primário, como se, em vez de pessoas, se estivesse falando de máquinas que tenham a responsabilidade de alcançar um resultado final satisfatório, nos mesmos moldes tecnológicos adotados nas esferas de produção do capitalismo.” (p.206)

O sentimento de paixão, de gostar do que faz, segundo Soares (1998), leva a pessoa persistir, apesar dos obstáculos, na busca da realização pessoal, onde o obstáculo torna a conquista mais apaixonada. A paixão pelo magistério fez com que as mulheres realizassem e persistissem no seu trabalho, enfrentando as condições adversas, precárias, como a falta de verbas destinadas a educação pelo poder público, a baixa remuneração, a desvalorização profissional.

“Os trabalhos acadêmicos que se encarregaram de esclarecer os mecanismos de subordinação e desvalorização profissional das professoras, embora tenham sido os primeiros a alertarem sobre essas relações de poder dentro do magistério e na educação como um todo, ao aliarem esses dois aspectos à feminização, acabaram por provocar um esvaziamento conceitual a respeito da profissão em termos das expectativas das mulheres” (SOARES, 1998, p. 216/217)

Com aumento da entrada das mulheres no magistério, segundo Soares (1998), a profissão adquiriu uma identidade sexual, porém atribuir a desvalorização do magistério ao ingresso feminino constitui-se uma interpretação enganosa.

Fernández (1994), ao comparar os atos agressivos dos alunos com a agressão da desvalorização da mulher como profissional, diz que estas são as verdadeiras agressões graves que atentam contra a sua subjetividade e que devem ser percebidas pelas mulheres:

"Por ser mulher tive que seguir realizando um trabalho expulsante de falsos mandatos para detectar as verdadeiras agressões; e para poder perceber o quanto é mais agressivo a falta de respeito pela autoria, a desvalorização, a humilhação ou o sarcasmo encoberto que me dirigem cotidianamente como mulher e professora." (p. 124)

Para Soares (1998) a escola é um espaço de construção de subjetividade, lugar onde as mudanças, no cotidiano das relações sociais entre os sexos, nas representações ideológicas sobre as diferenças, podem ocorrer.

É preciso que os professores se conscientizem que os alunos não são máquinas que devem processar informações sem significado. Vários fatores envolvem a aquisição da aprendizagem como os afetivos, o desejo, o prazer em aprender.

Para Fernández (1994) cada aluno, levando-se em consideração o ambiente sócio-cultural e a distinção sexual, possui uma relação diferente com o conhecimento que se relaciona com a construção da sua subjetividade, com o universo emocional, histórico e cultural de cada ser humano.

Nesse sentido, segundo ela, determinantes culturais que impõem um modelo de feminilidade, que envolve submissão, obediência, passividade prejudicam as mulheres na sua relação com o conhecimento, com a curiosidade, com a agressividade sadia necessária à aquisição da aprendizagem.

Prejudica, também, a mulher representada pela professora no desempenho de sua profissão, pois ao assimilar esse modelo, aplica-o no seu relacionamento com os alunos e alunas, concebendo modelos de alunos (as) ideais, que envolvem a obediência, a passividade, sendo que as meninas se enquadram mais nesse modelo e os meninos ficam desprovidos de modelos masculinos.

Partindo dessa idéia a distinção sexual, atravessada pelos determinantes culturais, atribui a homens e mulheres uma diferença na sua relação com o conhecimento.

Fernández (1994) faz uma reflexão de como a mulher na profissão de professora deve, no seu relacionamento com alunos e alunas, trabalhar com a agressividade deles e delas.

Na sua concepção existe dois tipos de agressividade: a sadia ligada ao desejo de conhecer e a destrutiva relacionada com a violência. Quando a agressividade sadia não encontra espaço para se desenvolver poderá transformar-se em agressão.

A reação da professora diante da agressividade dos seus alunos poderá facilitar ou dificultar o seu processo de aquisição de aprendizagem e o clima emocional que se estabelecerá em sala de aula.

O educador deve despertar o desejo de aprender em seus alunos, através de um ensino que envolva o prazer e que leve em conta os aspectos

diferenciais, peculiares a cada indivíduo que envolvem a sua relação e construção do conhecimento.

Existem outros fatores envolvidos no processo de aprendizagem mais importantes, que surtem mais efeito educativo que a metodologia utilizada pelo professor para ensinar conteúdos.

Na relação estabelecida com os alunos, o educador deve conhecer e se interessar pela história de cada um deles, seus interesses, qualidades, sonhos, vocações.

O egoísmo, a incapacidade de "enxergar" o outro é uma característica e consequência do sistema utilitarista que valoriza o lucro e a produtividade e procura nos moldar ao mundo frio da instituição, ao ritmo da máquina. Onde a função é mais valorizada que a pessoa, ocorrendo a repressão dos sentimentos, da espontaneidade, da criatividade, da expressão. Impedindo, por exemplo, a professora enquanto mulher ^{de} a expressar sua forma de pensar, conceber e direcionar a educação.

O magistério é uma profissão formadora de consciência, a atuação da professora exerce forte influência sobre o sucesso ou fracasso dos seus alunos, tanto na escola quanto na vida. É preciso que os professores se conscientizem da importância do papel social da sua profissão, papel formador de pessoas.

A exigência da produtividade e do rendimento pode prejudicar a relação entre professores e alunos. Criando um clima de opressão, onde o professor pode ser visto como um carrasco e o aluno sentir-se sobrecarregado.

A educação deve ser um espaço de troca, de individualidade, de diálogo, de abertura, que possibilite a expressão dos sentimentos. Onde o

educador perceba e valorize o fato dos alunos possuírem sonhos, paixões, desejos, esperanças.

O educador deve ter o cuidado de não limitar o ensino à transmissão de conteúdos. Prestando atenção no tocante ao desenvolvimento das relações interpessoais, de valores como a amizade, o afeto, o respeito, a solidariedade e

etc.

Quem?

Ensinando os alunos a enfrentarem a vida de frente, vencendo os obstáculos que ela apresentar, a ter e realizar seus sonhos e projetos de vida. No entanto, é importante que ele receba uma formação que leve em conta esses aspectos e tenha espaço em sala de aula para atuar e expressar sua forma de pensar.

CONCLUSÃO

Iniciamos este estudo buscando analisar a importância das relações entre as pessoas, no processo de aprendizagem e desenvolvimento, com o intuito de levar o educador a conscientização de alguns fatores envolvidos na educação que influenciam na capacidade do aluno de aprender e se desenvolver.

Para realização desse objetivo consultamos autores que apresentam diferentes visões a respeito de como o ser humano aprende e se desenvolve e sobre a influência do relacionamento nesse processo.

Observamos que Skinner atribuiu um importante papel ao meio ambiente para a aprendizagem e desenvolvimento humano, priorizando a dotação genética e as contingências as quais o indivíduo foi exposto como determinante da sua percepção. Baseados na forma de compreensão deste autor podemos dizer que o controle e a manipulação do comportamento, através de mecanismos como a recompensa e a punição, ocasiona no ambiente escolar relacionamentos que envolvem o poder do adulto sobre a criança através da opressão, da inibição da expressão dos sentimentos, da forma de pensar, da criatividade e espontaneidade da criança.

Segundo nossa forma de compreensão o regime escolar, restrito a provas e pontuações, tende a gerar, ^{tensão!} tenção entre os alunos; comportamentos competitivos e individualistas; a baixa auto-estima e o egocentrismo e, portanto, a desintegração entre as pessoas.

Piaget possui um outro enfoque diferente e atribui um papel importante a interação da criança com o meio, atribuindo valores diferentes à necessidade de estímulos na aprendizagem e desenvolvimento mental. Ele valoriza a brincadeira,

a linguagem, a manipulação dos objetos, a percepção, a imaginação, o pensamento reflexivo, a memória, a imitação e a ação como estímulos importantes para criança construir seu conhecimento e sua realidade. Estes estímulos têm, no entanto, valor de incentivo para as crianças e não ações determinantes e direcionadoras como no caso da concepção ambientalista.

Ao conceber a criança como um ser ativo que constrói o conhecimento espontaneamente, que cria hipóteses sobre o seu meio ambiente, Piaget valoriza a criatividade, a forma de pensar e de se expressar infantil. Sua teoria favorece a convivência em sala de aula, porque ao compreender as matérias o aluno se valoriza e realiza – pois seu saber e experiência de vida são valorizados, seu ritmo de aprendizagem é respeitado – o mesmo ocorre com o professor por perceber que seu ensino é eficiente. Possibilitando a criação de um clima construtivo em classe.

Ainda outro posicionamento abordado durante o trabalho foram as idéias de Vygotsky. Sua teoria permite a compreensão que os fatores sociais e culturais influenciam no desenvolvimento mental do indivíduo.

A cultura e o meio social, embora não determinem, exercem forte influência no desenvolvimento intelectual. As pessoas se constituem no ambiente em que vivem e refletem sobre esta cultura suas experiências e vivências. Um ambiente sócio-cultural rico oferece maiores oportunidades quanto ao desenvolvimento da percepção, da linguagem, da afetividade, etc.

Ao enfatizar o papel das relações interpessoais no processo de formação intelectual do ser humano, Vygotsky enfoca o valor educativo da colaboração e cooperação do outro no processo de ensino e aprendizagem.

o que permite

Permitindo a compreensão da importância educativa do relacionamento tanto

entre o professor e os alunos quanto entre os mesmos no processo de aquisição da aprendizagem e, conseqüentemente, no desenvolvimento mental. Para ele um estudante mais desenvolvido pode ajudar outro menos, tendo a interação da criança com seus amigos de turma valor significativo.

Vygotsky valoriza, desta forma, a importância do diálogo entre professores e alunos e entre os próprios, dos trabalhos de grupo no processo de ensino e aprendizagem, *integrador* fato que contribui para o estabelecimento de um clima integrativo e construtivo em classe.

Também Freud discute questões importantes para estudo das relações entre as pessoas e a influência das suas idéias acaba contribuindo para compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Sua teoria explica o desenvolvimento emocional e valoriza na apreensão de significados o desejo de conhecer e as situações vivenciadas que envolvem os sentimentos de prazer e desprazer, a realização ou não dos desejos.

A teoria de Freud colaborou para compreensão que os aspectos de dimensão emocional, como as experiências afetivas vivenciadas, influenciam na formação do sujeito e na sua capacidade de aprender.

Consideramos que o trabalho que desenvolvemos nos possibilitou uma melhor compreensão sobre o valor educativo do relacionamento entre o professor e os alunos e entre os mesmos; sobre o papel do educador, enquanto colaborador na formação de pessoas e consciências; ~~que~~ sua atuação em sala poderá facilitar ou dificultar o processo de aquisição da aprendizagem e desenvolvimento mental.

As práticas educativas adotadas pelo professor, seu estilo de ensinar, tem o poder de influenciar na formação do clima emocional da classe, das relações sociais e afetivas estabelecidas entre os alunos e deles com o professor.

Assim percebe-se que a educação deve ser um instrumento de mudança, através da modificação de práticas educativas, deve visar um ensino que envolva o prazer, que leve em consideração as diferenças entre os alunos, seus interesses, motivações, experiências, constituindo-se num ensino significativo; que desperte a criatividade, a curiosidade; que aprimore as relações interpessoais.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

ANTUNES, Celso. **A teoria das inteligências libertadoras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

BACKMAN, Carl W. **Aspectos psicossociais da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

COLL, César, et al. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação**. vol 2, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Psicologia do ensino**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DAVIS, Claudia. **Psicologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor).

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FILATÁRTIGA, Virginia. **Vivendo e aprendendo com grupos uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

HOLANDA, Aurélio. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KRUNGER, Helmuth. **Introdução à psicologia social: Temas básicos de psicologia**. Vol.12. São Paulo, EPU, 1986.

KUPFER, Maria Cristina M. **Afetividade e cognição: Uma dicotomia em discussão.** In Cadernos Idéias,28, São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1997.

LEMME, Maria Lúcia. **“Diagnóstico psicopedagógico: avaliação do aluno ou da escola?”.** In Revista Psicopedagógica -16 (42) - 1997

LOPES, Josiane. **Vygotsky o teórico social da inteligência.** In Revista Nova Escola - s/n - 1996.

PEIXOTO, Maurício A. **Aprendizagem estratégias e estilos.** Rio de Janeiro: ABT, 2002.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

RAPPAPORT, Clara R. **Psicologia do desenvolvimento.** Vol. 1. São Paulo: EPU, 1981.

SKINNER, Burrhus F. **Os pensadores.** São Paulo, Abril Cultural, 1975.

_____. **Sobre o behaviorismo.** São Paulo, Cultrix, 1974.

SOARES, Jane . **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: UNESP, 1998

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Maria Claudia Rocha Moraes

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Reflexões sobre relações interpessoais e educação

ORIENTADOR : Prof.º Dr.º Lúcia de Mello e Souza Lehmann

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Saudia Albuquerque

Nota : 7,5 (sete e meio)

Considerações:

A aluna escolheu tema de relevância para a prática pedagógica em sala de aula trabalhou dois autores, também de grande importância. No entanto, a presença de Freud foi pouco explorada, o que, possivelmente mudaria o rumo do trabalho. Teria sido necessária a revisão do português

Segundo avaliador :

Professor orientador : Luís de Azeite e Saeza Lehmann

Nota: 8,5 (Oito e meio)

Considerações:

A aluna aborda o tema fazendo um mapeamento da posição de diferentes autores. Reflete sobre as questões de relacionamento no que diz respeito a aprendizagem propriamente dita e ao atravessamento da atividade nas relações que envolvem o professor e o aluno. Aspectos da linguagem prejudicaram um pouco a apresentação do trabalho. Bom conteúdo e bibliografia.

J. Lehmann

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Bígia Kaatira Coelho

Nota : 10,0

Considerações:

Trabalho muito bom, quanto ao aspecto formal.

Bígia

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
7,5	8,5	10,0	26,0	8,7

Rio de Janeiro, 13/09/2004

Bígia